



Conclusão da XXXVI Semana de Estudos sobre a Vida Consagrada

Abílio Pina Ribeiro, claretiano

Chegou ao termo a 36.^a Semana de Estudos em que aprofundamos a mensagem da Instrução *“O dom da fidelidade. A alegria da perseverança”*. A minha ação de graças, juntamente com a grande admiração pelos homens e mulheres que nos ajudaram a refletir e que montaram este serviço e, desde já, também por vocês todos – irmãos e irmãs – que entregaram a vida inteira como um fruto precioso a Deus e ao amor do próximo.

O Documento apresenta duas faces: a *fidelidade* como dom celestial e a correspondência humana que dá pelo nome de *perseverança* no caminho que Deus nos indicou.

O acento primeiramente em Deus, porque a nossa vida, a nossa vocação é uma experiência de graça. É Ele que nos assiste, nos ampara, nos conserva no ser. Mas se vivemos *de graça*, também podemos afirmar que morremos vocacionalmente de *desgraça*, isto é, quando nos afastamos da Fonte e as nossas raízes deixam de mergulhar na Torrente.

Vem-me à lembrança o caso do jesuíta Alfredo Delp, preso nunca cadeia nazista e morto, aos 37 anos, no dia 2 de fevereiro de 1945. Dois dias antes de ser executado, escreveu esta frase de ouro: *“O pão é importante. Mais importante é a liberdade. Mas importantíssima é a fidelidade íntegra e a adoração não atraída”*.

Ele que passava muita fome e muito frio sentia em carne viva como o pão é importante. Mais lhe custava, no entanto, a privação de liberdade, o não poder contactar afetuosamente com ninguém. Mas o que acima de tudo queria manter íntegra era a sua fidelidade, a sua adoração, a sua entrega a Deus.

Já dissemos que, hoje, abundam por aí numerosos mártires incruentos. Pessoas crucificadas para o mundo, e o mundo crucificado para elas. Pessoas firmes, samaritanas dos pobres, imparáveis na transmissão da Palavra de Deus, na assistência aos doentes e marginalizados, no confinamento voluntário dos mosteiros, na doença prolongada, na atividade incessante, em milhentas formas de martírio aos bocados.

Por tudo isto não subscrevo o pessimismo do francês Georges de Porto-Riche¹, autor deste exagero: “Fiel! Ai de mim, já é só o nome dum cão”.

Há dias, de repente, uma frase bíblica que tantas vezes tenho pronunciado feriu-me como um relâmpago, como se a lesse pela primeira vez: “*O Senhor é fiel à sua palavra*”. E então eu? A minha palavra vale alguma coisa? Quem se contenta hoje com a “palavra de honra”?

O mundo tem sede de palavras verídicas, autênticas, martiriais. Palavras de pessoas que se tomem a sério. Que se respeitem a si mesmas. E às outras, pelo menos as que foram testemunhas das suas promessas diante do Altar. E respeitem a Deus, do qual se diz: “Graças a Deus muitas, graças com Deus poucas”. Pessoas capazes de um amor incombustível. Orgulhosas dos seus contratos, das suas promessas, da sua aliança. Livres, puras, valentes.

O Documento que estivemos a analisar tem como lema inspirador o convite de Jesus: “*Permaneça no meu amor*” (Jo 15, 9). Permanecer em comunhão vital com Jesus e os irmãos ou as irmãs é a força da vocação, a essência da fidelidade. No Ritual da primeira profissão pede-se a misericórdia de Deus e a fraternidade. Exatamente: a graça de Deus e a ajuda fraterna são os dois esteios, as duas âncoras da perseverança.

A melhor prenda que podemos dar a alguém é permanecer a seu lado, *não desertar* quando as coisas se tornam difíceis, resistir mesmo quando não nos sentimos valorizados ou as nossas personalidades se chocam; estar ali para as verdes e para as maduras, haja o que houver, contra ventos e marés.

Permanecer *não tem nada a ver com estar parado*. “No caminho de Deus, não avançar é andar para trás” – avisava São Bernardo. Oxalá não valha para nós o livro do padre Alexandre Pronzatto: “Cansados de caminhar”.

¹ Georges de Porto-Riche (1849-1930), dramaturgo e romancista, membro da Academia Francesa.

Permanecer é *manter fresco e aromático o “primeiro amor”*, o fervor inaugural, o entusiasmo primaveril, a chama do apostolado, a alegria de entornar o perfume todo, como Maria de Betânia.

Permanecer é *construir uma estrutura de comportamento*, criar hábitos de fidelidade, “rotinas religiosas”, adesão inviolável, inamovível, a determinadas práticas, por exemplo, no campo da oração: nunca deixar a oração pessoal, a eucaristia, a devoção mariana. A fidelidade sobrevive nesta disciplina, nesta rotina, nesta prática, neste ritmo. Por mais ocupado que eu ande, por mais distraído que eu esteja, por mais fastio de orar que eu sinta num determinado dia, estes rituais guardam a minha fidelidade.

Há uns quantos pilares que sustentam as pessoas consagradas e são motores do seu dinamismo interno:

- A *vida fraterna*, cimentada num intenso afeto humano que torne possível o encontro profundo e a o diálogo fluido; estamos fartos de vida comum (feita de atos e relações funcionais), mas famintos de vida fraterna em comunidade;
- A *celebração e a oração* partilhadas;
- O *trabalho* como doação e entrega;
- O *projeto comunitário*: abraçado por todos como vértice dos projetos pessoais; decalcado nas regras e constituições; atualizado com frequência e dotado de possibilidades cada vez maiores de fidelidade.

Acho que as pessoas consagradas têm de praticar um desporto que anda na moda: o *surf*; no nosso caso, o *surf espiritual*. Vivemos numa sociedade em que tudo é líquido, volátil, incerto, menos a prancha, a tábua. A tábua de salvação para um consagrado é Cristo, é a comunidade, é a missão que daí parte. Podemos *surf* sobre as ondas alterosas como Pedro, se não tirarmos os pés da tábua e permanecermos sempre agarrados a ela.

As lições desta Semana vão ser publicadas em livro, se Deus quiser. Como bons discípulos, não nos limitemos a ler: ponhamo-las em prática.

No Cenáculo estavam eles e elas, *unidos e perseverando na oração com Maria, Mãe de Jesus* (Act 1, 13-14). Interceda por nós a “Virgem Fiel”, Nossa Senhora da Perseverança, Modelo dum Sim total, não intermitente, às pinguinhas. Neste reinado tóxico da Covid-19 e de outros vírus ainda piores é consolador pensar que Ela abraça a nossa fragilidade e nos conduz a porto seguro – o mistério de Deus uno e trino.